

## A BAHIA QUE JOÃO ANTONIO VIU

Dr. Wagner Coriolano de Abreu<sup>1</sup>

### Resumo:

*Este artigo entrelaça dois contos e uma crônica do escritor João Antônio, cujo cenário é a Bahia, a fim de retomar a andança como elemento constante na obra, cujo cenário predominante é o das cidades Rio de Janeiro e São Paulo. A leitura proposta se amarra à saudade que o escritor afirma sentir do Brasil, mesmo estando no Brasil.*

**Palavras-chave:** João Antônio, Conto-Reportagem, Viagem, Bahia, Andança.

De uma ida à feira no Bairro Peixoto, bairro abraçado por Copacabana, Rio de Janeiro, em companhia da cozinheira baiana Mariuska, João Antônio tira uma boa crônica em torno das coisas do Brasil, e inscreve um caminho indicativo de leitura na diversidade de sua obra: “Quando em quando me baixa, aqui no Brasil, uma saudade do Brasil. Aquela coisa de sentir na malícia do andado de uma mulata os méis só encontráveis na elegância tão arteira de algumas frases de Mário de Andrade” (ANTÔNIO, 1991, p.15).

Assim João Antônio inicia a crônica *Feira*, em março de 1986, publicada no livro *Zicartola e que tudo o mais vá pro inferno!*, título que faz alusão ao mestre Cartola – codinome do compositor Angenor de Oliveira – e à canção brasileira “Quero que tudo vá para o inferno”, da época da Jovem Guarda, na voz de seu compositor Roberto Carlos. Publicado em 1991, o livro é uma crônica de três cidades, conforme destaca Ricardo Ramos nas palavras iniciais do prefácio, em que dá uma notícia condizente com a poética de João Antônio:

Ele nos traz harmonizadas em seu perfil de povo, São Paulo, Rio e Salvador. A visão do autor sensível, captando o essencial, promove um comovido cortejo de tipos, lugares, momentos. Surpreendidos ou acordados na memória, mas sempre ligados pela marca da invulgar narrativa. De corte eminentemente popular (ANTÔNIO, 1991, p. 3).

Nesta síntese da literatura de João Antônio, Ricardo Ramos põe em destaque a trajetória do escritor, um brasileiro nascido na cidade de São Paulo, que viveu no Rio de Janeiro e circulou o Brasil e alguns cantos do mundo, sempre atento e com o pé na rua. Destas andanças, tratarei um pouco da Bahia que ele viu, por meio de textos ficcionais e de cartas que enviou a alguns de seus preciosos amigos, na perspectiva da configuração estética articulada ao processo social brasileiro, da segunda metade do século 20, período do aparecimento e circulação da obra. Este trabalho tem a ver com a memória cultural documentada, com acervos, com o estudo de correspondências como subsídio para a leitura crítica da obra ficcional.

João Antônio circulou o Brasil na década de 70, quando andava “numa roda-viva, principalmente ligado às atividades universitárias” (ANTONIO, 2004, p. 62). Em correspondência com Caio Porfírio Carneiro, datada do período de 1965 a 1982, registra diversas cidades e estados por onde andara como palestrante, mas não menciona diretamente nestas cartas a passagem pela Bahia.

---

<sup>1</sup> Wagner Coriolano de Abreu, Doutor em Letras/PUCRS, Pesquisador Independente, e-mail: [coriolano3@gmail.com](mailto:coriolano3@gmail.com).

Em carta posterior a este período, datada de 09 de dezembro de 1984, remetida ao crítico e professor Fábio Lucas, João Antônio informa que daí a três dias estaria na capital de Minas Gerais, para receber o Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte e, depois, tocaria para Salvador e para a Ilha de Itaparica, pois estava coordenando matéria para a tevê sobre João Ubaldo Ribeiro (Idem, p.100). Esta não foi a primeira vez que esteve na Bahia e muito menos que escreveu para televisão.

Sabemos que esteve em Salvador, no período anterior a 1983, por meio de sua segunda senhora, Tereza Conceição de Jesus, que informou ao jornalista Milton Severiano possuir várias cartas de João Antônio, entre as quais, a que enviou de Salvador, enquanto ainda estavam juntos, até os primeiros anos da década de oitenta (SEVERIANO, 2005, p. 163). É do mesmo período a edição do livro *Dedo-duro* (1982) – publicado pela Record, com texto de apresentação de Jorge Amado – em que aparece o conto dos três meninos cicerones em Salvador e no Recôncavo baiano.

João Antônio escreveu para a televisão no início dos anos 80, época em que se tornou comentarista do Jornal Nacional, da Rede Globo, a convite do editor do telejornal, jornalista José Antônio Severo (SEVERIANO, 2005, p. 114). Em 04 de maio de 1981, envia carta a Jácomo Mandatto, onde afirma “ter interrompido uma promessa feita a si mesmo, uma vez que tinha escrito um texto para a rede Globo” (SILVA, 2009, p. 353). Na carta, se mostra bastante eufórico: “Querem-me como um dos editores junto ao jornal noturno das onze. E também como comentarista de assuntos culturais, principalmente literatura e vida da cidade do Rio. O convite é quase irrecusável” (Idem, p. 353).

Entretanto, na mesma carta ao jornalista Jácomo Mandatto deixa transparecer algumas preocupações decorrentes deste vínculo com a Rede Globo: “tem sido uma luta como você nem sabe. Vencer preconceitos – paletó, gravata, linguagem, ideologia... tudo isso numa casa conservadora” (Ibidem, p. 353). A televisão, para o escritor, é “uma fliperama sinistra”. As relações de João Antônio com a emissora sempre foram controversas, de modo que não poupou severas críticas à proposta de comunicação da empresa.

Dos registros que deixou das idas à Bahia, os encantos pela terra e pela gente baiana aparecem como uma constante em seus textos. Em artigo publicado em 14 de outubro de 1986, João Antônio demonstra apreço pela pessoa do escritor João Ubaldo Ribeiro, bem como encanto pela Ilha de Itaparica: “Devo a Ubaldo algumas alegrias da amizade. Inda mais, da hospitalidade, que dificilmente poderei pagar, já que ele vive e faz muito bem em viver, numa ilha de beleza admirável, ‘impávida e independente’ e do povo bom e bonito, Itaparica” (ANTÔNIO, 1986a, p. 2).

Ainda no mesmo artigo, diante da recepção calorosa que teve *Viva o povo brasileiro*, romance de João Ubaldo publicado no ano anterior, que viria a se tornar um clássico da literatura brasileira contemporânea, faz de pronto uma apreciação crítica de leitura:

Seu romance mais recente, além de primoroso como linguagem, emoção e fatura, é um hino de esperança e amor ao povo de nossa terra, apesar de aviltado e sofrido até as últimas. O romance mete em seus lugares algumas verdades: afinal, este país é de seu povo, que o vem construindo com trabalho, sangue, lágrimas e também com amor, alegria, sensualidade, graça. Ele precisa ser devolvido a seu povo, pois, não pertence, absolutamente, àqueles – daqui e de fora – que apenas se locupletam por estarem no poder político ou econômico (Idem, p. 2).

Alguns anos depois, em janeiro de 1991, escreve a Fábio Lucas, direto de Salvador, onde fora a trabalho, “pois, como os jogadores de sinuca, estou quase sempre mais para o jogo do que a

passaio” (ANTONIO, 2004, p. 120). Observa que a “Bahia está mudada, turistizada. As águas ainda são mornas, mas algumas vão bem poluídas. Há algumas modernices, xingadas de shoppings (será assim que se escreve?), surgidas como corpo estranho” (Idem, p.120). Acrescenta ainda, na pequena carta, que “a Bahia ainda é a boa terra. E até a terra da felicidade. Para alguns” (Ibid., p. 120).

No mesmo ano de 1991, escreve novamente a Fábio Lucas, em carta datada de 04 de junho, tratando de novas andanças pelo Brasil, em conferências e palestras, e informa a data de seu retorno à Bahia.

Em Salvador, estarei no dia 21. Saudades da Bahia, a gente tem sempre. É fácil gostar da Bahia, a gente sente um comichão de ir ficando e demorando em Salvador, inda mais. Coisas. Não foi sem justo motivo que gente bem mais talentosa e ajuizada que eu, se perdeu de amores pelas coisas, pessoas e ares baianos. (Idem, p.122).

À parte as andanças de João Antônio por terras da Bahia, ao longo de uma década, temos que deixou pelo menos três peças literárias de enorme interesse para o estudo de suas relações com a Bahia e sua formação afrodescendente. Refiro-me à crônica *E que tudo o mais vá pro inferno!*, de 1978, e aos contos *Dois Raimundos, um Lourival*, de 1982, e *Eguns*, de 1983.

A crônica apresenta um olhar sobre três lugares de Salvador, estabelecendo uma fina relação entre lugar e pessoa, à medida que emoldura na cena a figura humana. Menciona a fala da personagem Quincas Berro D’água, de Jorge Amado, em relação às mulheres bonitas: “por mais claro que esteja, mesmo que não possamos ter todas as mulheres bonitas, tentar é de lei” (ANTONIO, 1991, p. 40).

O cronista começa por falar de Biu, dono de um restaurante, no centro de Salvador, com quem conversa sobre as mulheres baianas e sua beleza. O narrador se abebera das palavras do interlocutor, de seu converseiro longo, que traz uma sutil relação entre as mulheres e as entidades do candomblé.

Iemanjá, enjoada, vaidosa; Ogun se agira guerreiro. Ritmo, envolvimento saracoteio, jeito, é isso, pegada certa nas palavras, adonando-se dos verbos, mais ritmo pausado, direitura, voz num tom que não se altera, enxuto, algum meneio acompanhado pelas mãos quadradas, sensual, um denço na palavra trapiche, a boca saboreia o nome de Oxum, os ss pronunciados e bem, verve, vida e, mais que ela, alegria de viver, um sentimento viril ao invocar o Nosso Senhor do Bonfim, Oxalá excele, calor, se é ferino e mente, convence inzoneiro, exageração de um pescador, se a vontade é contar mentira, joga um raio de simpatia, nunca dos nuncas mofino, imaginem mofinagem, mofineza. Não. Sessentão e frajola, ô senhora narração. E ele não sabe. (ANTONIO, 1991, p. 40)

Em seguida, vai a um bairro pobre da cidade, Saúde, ao encontro de Oscar da Penha, compositor de samba, mais conhecido pelo codinome Batatinha. E por meio da conversa em feitiço de entrevista, traça um perfil biográfico deste baiano que escreveu excelentes letras de samba, cantados na voz de Chico Buarque, Maria Bethânia e bambas da música popular brasileira, mas que tem sido pouco reconhecido. Acrescenta a este memorial da cultura musical baiana, alguma informação da vida pessoal do músico. “Vive com Dona Marta, musa algumas vezes, companheira, filha-de-santo. Ela tem em casa um quarto de santo famoso pela beleza e falado no meio do candomblé” (p. 41).

E por último, nosso cronista está em Água de Meninos, na feira de São Joaquim. Está na rua, sentindo o cheiro forte da cidade, observando os carregadores e os meninos que mendigam e vendem cigarro a retalho, vendo os homens no bar às sete da manhã já bebericando sua cachaça, falando com uma vendedora de folhas, de quem recolhe – no bom estilo joãoantoniano – a riqueza descritiva de um tema: “Folha-de-oxum, aroeira, abre-caminho, pinhão-roxo, tira-teimas,

sacudimento, espada-de-são-jorge, murici, capianga, canela-de-velho, juiz-de-paz. Tudo pra banho de descarrego” (p. 45). Encerra a crônica com a famosa frase da música de Roberto Carlos, que na ocasião tocava sem parar nas rádios e naquele momento se ouvia do alto-falante da Feira de Água de Meninos.

O conto *Dois Raimundos, um Lourival*, publicado inicialmente no livro *Dedo-Duro* (1982), é a história do encontro de três meninos baianos, pobres, que acompanham o narrador em visita a Salvador e localidades da região do Recôncavo baiano. Este conto foi posteriormente republicado na coletânea “Sete vezes rua” (1996).<sup>2</sup> O narrador vem à cidade da Bahia em busca do patrimônio histórico, do candomblé e das mulheres bonitas, mas é desviado deste propósito, sendo arrastado para um botequim por um velho bêbado chamado Joel. Passada a cena, segue para o Mercado e descreve os lugares, os cheiros, a variedade de frutas e produtos locais, em pormenor de fotografia, sem descuidar do elemento humano na pessoa das mulatas com seu balançado e ritmo.

Encontra aqueles meninos lanhados, de pé no chão, de fala despachada. Eles o interpelam. Aqui o escritor exercita a arte de mesclar sua escrita sofisticada com uma expressão mais afeita à oralidade. O narrador concede a palavra aos meninos:

- Nós somos direitos. Nós, quando vêm os turistas, a gente fala sobre a cidade. O senhor quer visitar o Museu da Cidade? O senhor quer um bom pai-de-santo? Tem um porreta, antes de São Félix. Tem muitas coisas boas. Tem uma das melhores igrejas, Ordem Terceira do Carmo. Lá tem sofrimento de Cristo apresentando uma cal chinesa. Mais o Senhor dos Passos, todo feito em madeira, escultura portuguesa (ANTÔNIO, 1996, p. 42).

O narrador prossegue seu tour pelo lugar, agora em companhia dos meninos. Vê a vendedora de castanhas, de uns dezessete anos, que muito o atrai, mas com quem não pode falar ou flertar, pois o pai se apresenta ladino e pronto, mulato dobrado, vivo como um gato. Os meninos seguem na cantilena de guia turístico, os três disputam a atenção do narrador. Tomam um táxi e vão à cidade de São Félix e Cachoeira, que também são conhecidas dos meninos, que aparentam treze anos. O narrador habilmente os conduz e vai desvelando a história de vida, marcada pela origem humilde, família numerosa, pela necessidade e fome. Após a ronda pelos pontos turísticos, o narrador os leva a um restaurante, onde encontram a riqueza da culinária, com seu feijão-de-cor e moqueca. Aos meninos pede refrigerante, mas pra si cachaça. Por ali passa um mulato, que se intromete, o trata por doutor, por filho de Xangô, e indicando um pai de santo ali na ladeira acima. O conto se fecha com um menino cantarolando em voz baixa.

As duas peças literárias de João Antônio se aproximam pela diversidade dos elementos culturais apanhados na Bahia de Salvador e de Todos os Santos. Em certo sentido, a crônica de 1978 e o conto de 1982 introduzem a problemática do conto *Eguns* como obra ficcional calcada em representações do candomblé de Egun. O conto foi originalmente publicado na parte Ficção da revista portuguesa Colóquio Letras, em novembro de 1983, e depois republicado no livro *Abraçado ao meu rancor*, de 1986. Finalmente, aparece na revista Exu, da Fundação Casa Jorge Amado, de janeiro/março de 1997, reedição póstuma, talvez em homenagem ao escritor, falecido em outubro de 1996, na cidade do Rio de Janeiro.

A trama da narrativa de *Eguns*<sup>3</sup> inicia com uma digressão poética sobre a visita do protagonista à ilha de Itaparica. Ele é recebido pela cozinheira Dety e seu marido Flávio, que o levam aos egós, povo do candomblé, na região da praia de Ponta de Areia. Pretende ver uma festa

---

2 A leitura do conto e sua citação correspondem a esta versão, publicada no livro *Sete vezes rua* (1996).

3 A síntese e leitura apresentada deste conto segue a edição do texto no livro *Abraçado ao meu rancor* (1986). As citações subsequentes são dessa edição e apenas indicadas entre parênteses pelo número da página.

de eguns. Já na praia encontra com o ojé que o libera para ir com a turma de dez homens e mulheres ao lugar da festa. O ojé leva uma vara branca na mão, ichan, e tem na cabeça um barrete vermelho com desenhos verde e branco. No caminho, encontram dois homens que carregam varas brancas. Saudações e conversa em ioruba. Os ojés reparam na presença dele no grupo e o acolhem como pertencente ao povo de umbanda.

O grupo chega ao arraial. Ouvem o som dos atabaques que vem do barracão. E um canto de mulheres também. O narrador informa que é noite de Eguns. “Eles são os espíritos dos mortos” (p. 170). A festa é para raros, “desde o tempo em que a Bahia era a primeira capital” (p. 171). Entra no terreiro, recebendo a notícia que só sairá dali no outro dia quando já for dia claro. É conduzido por três ojés para o interior da senzala. Vê que as mulheres ficam de um lado e os homens de outro.

O protagonista fala do encontro com o velho chefe do terreiro, Antônio Daniel de Paula, que conversa em ioruba com os filhos, aguardando a vez de se aproximar. Ao redor tudo é beleza, som de agogô e atabaque, tronos, comoventes palmas das mulheres. Imagina que numa câmara podem estar roupas dos eguns. Aparece o primeiro egun, que canta e conversa com o povo em iorubano. Em seguida, aparece outro egun diferente, de forma quadrangular, ainda sem luz, vagando. O narrador avalia a festa com familiaridade, recordando que atravessa quatrocentos anos e mantêm-se resistente a guardar os trazidos da África. Outros eguns estão presentes na festa. “Senzala inteira canta para eles, com harmonia, com uma amizade, como num reencontro” (p. 175).

Ao término da cerimônia, saem e são servidos pelas mulheres com pratos de feijão, arroz, farinha e carne de galinha e carneiro. Em seguida, descem para a praia. Ali o protagonista encontra o homem da Kombi que o levará embora para Salvador. O conto encerra com um desejo de que volte e a benção do homem do carreto, “que Oxalá se lhe acompanhe” (p.178).

Como nos textos examinados, a marca dos lugares da Bahia comparece em *Eguns* por meio das localidades geográficas – ilha de Itaparica, Cachoeira e Salvador – assim como pelos códigos vinculados ao contexto baiano – primeira capital, candomblé e festa de eguns. O fato de João Antônio ter realizado estas peças literárias a partir daquele cenário, mas na parte ligada à cultura do candomblé, aponta um entreolhar-se nos lugares visitados, dando a dimensão do conteúdo por ele apreendido.

O escritor tinha dessas de enfronhar, por meio do ofício de repórter, no tecido social, catando matéria para o jornalismo de qualidade e para a composição da obra ficcional. Transitava muito pela fronteira, dando-se ao trabalho de recolher os diversos saberes que a vida popular abrange e constantemente renova. Conforme observa o crítico Fábio Lucas, *Eguns* é um achado.

João Antônio descobre, no seu memorialismo-reportagem, um rito africano na Ilha de Itaparica. Algo distante de sincretismos e de candomblés para turistas. O narrador se põe como um estranho naquele ambiente de respeito místico. E vai contando a beleza e a dignidade dos parceiros do encontro religioso, destinado a aplacar a fúria da divindade da morte. Relata, com grande respeito para o culto africano, a sutil arte da passagem do profano para o sagrado, como as pessoas ausentam-se de suas profissões mais pedestres para ingressar numa liturgia secreta de denso valor espiritual (LUCAS, 1987, p. 138).

No livro de 1986, e sua estética do rancor, como observou o crítico João Luiz Lafeté (LAFETÁ, 2004), João Antônio reúne o conto *Eguns* com outras nove histórias, entre as quais se encontra *Amsterdam, ai*, escrito quando esteve na Europa, em 1985, em maratona de conferências e palestras, esticando até a Holanda, de onde traz a narrativa (ABREU, 2007, p. 22). O protagonista reveste-se do ponto de vista do estrangeiro, mas a temática permanece inalterada: “procura na

famosa cidade as personagens confinadas no submundo. E, entre espantos e novidades, descobre o Brasil, sua pátria” (LUCAS, 1987, p. 138).

Vou vivendo, acho que me dou bem aqui. Descubro, de estalo, maravilhado, tenho nariz de turco. Mais o boné português, também usado pelos turcos, presente de um amigo, em dezembro que passou, na Ponta das Baleias, lá na Ilha de Itaparica e da mulataria mais bonita da Bahia. (ANTÔNIO, 1986, p. 202/3).

Tanto em *Eguns* como em *Amsterdam*, ai os protagonistas estão desenraizados socialmente, andando pelo mundo na busca por encontrar as marcas perdidas, a fim de reconhecer ali o seu lugar. Perspectiva que também pode ser vista na crônica *E que tudo o mais vá pro inferno!*, quando constata a devastação urbana, que põe abaixo os antigos restaurantes e bares, e no conto *Dois Raimundos, um Lourival* quando é interpelado pelo bêbado, registrando que não era isso que esperava do lugar. Segundo Regina Zilberman, as personagens de João Antônio são ambulantes que traduzem “o desenraizamento social, a revolta e a não aceitação das convenções, insatisfação suscitada por um tipo de vida a que, por causas diversas, não conseguem se adaptar” (ZILBERMAN, 1986).

Na passagem citada de *Amsterdam*, ai, o escritor apresenta marcas intertextuais que remetem ao conto *Eguns*: Bahia, Ilha de Itaparica e Ponta das Baleias. Por se encontrarem na mesma antologia, estes contos podem indevidamente ser tomados como obras do mesmo período. O jornalista Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho, ao analisar o conto *Eguns*, comete o equívoco de supor que o texto fora “possivelmente escrito durante a estadia do escritor na Alemanha” (AZEVEDO FILHO, 2008, p. 78). Todavia, *Eguns* foi escrito entre o final dos anos 70 e os primeiros anos da década de 80, sendo publicado em 1983, na revista portuguesa. A perspectiva de João Antônio, deste modo, é de dentro, de repórter que sai a campo para pesquisar e anotar, mas que posteriormente, ao escrever, se rende ao ficcional.

Sobre a presença do candomblé na obra de João Antônio, há outros registros que o atestam antes e depois da criação de *Eguns*. Já no livro *Ô Copacabana!* publicado em 1978, ao tratar da vida no bairro carioca, o escritor expõe o fraco movimento do povo de terreiro na festa de Iemanjá, a Rainha do Mar, na abertura do ano de 1976 (ANTONIO, 1978, p. 21). Em *Meninão do Caixote*, livro publicado em 1983, fecha a reunião de contos com o texto “Meus gostos”, no qual confessa a paixão pelo mar, dando um depoimento relevante a respeito de seu envolvimento com a cultura do candomblé: “gosto tanto de praia e mar que, dizem os membros do candomblé e da umbanda, meu santo (orixá) de frente é Ogum Beira-mar” (Idem, 1983, p. 82).

O envolvimento do escritor se percebe no trabalho com a linguagem, ampliando a potência da língua portuguesa, quando insere palavra advinda da fala ioruba antes de o termo estar dicionarizado. É o caso da palavra abalés – provavelmente alabês, em referência aos toques de atabaque (MARTINS, 2012, p. 48) – popularmente conhecidos como percussionistas do culto de eguns, conforme a mineira Denísia Martins, em conversa pessoal. Denísia informa que “os abalés são personagens importantes, porque eles tocam os instrumentos e entoam os cânticos, tem que saber qual cantiga chama a energia, como sua história vai ser contada e qual cantiga o leva novamente ao orun”.

À procura do abalés, usado pelo escritor, encontrei o ensaio minucioso de Gilberto Figueiredo Martins, sobre a presença de eguns no conto de João Antônio (MARTINS, 2012). Ele analisa passo a passo o conto *Eguns*, sob a perspectiva do mito original mais divulgado entre os povos Ioruba, considerando o estudo de Jean Ziegler, que em meados dos anos setenta publicou um longo estudo sobre os espíritos de Itaparica (ZIEGLER, 1977). De toda forma, o conto não é acadêmico, embora o ensaio de Martins deixe entrever que há nele marcas de duas pesquisas

importantes sobre o culto ou festa que acontece em Itaparica, apontando um relato semelhante ao do sociólogo Jean Ziegler, no capítulo em que trata dos espíritos de Itaparica. Penso que será preciso rever esta aproximação.

João Antônio é um escritor que toma do texto de não ficção, pela magistral escrita literária, pelo domínio enorme da tradição ficcional, a fim de colocar o tempero de poesia em meio à enorme alteridade que encontra nas andanças da vida. Como sinaliza Zilberman, seus heróis, seguindo a matriz das histórias de aventuras, “saem pelo mundo afora em busca de um lugar que – por necessitar dele, isto é, por se encontrar em crise e invocar seu empenho no sentido de desenvolver-lhe a paz e a tranquilidade – venha a ser seu novo lar” (ZILBERMAN, 1986).

Na crônica *Feira*, com que iniciei este trabalho, João Antônio vai a uma feira com a baiana Mariusca, com saudades do Brasil, mas não deixa passar a oportunidade de responder a ela, que está de passagem no Rio de Janeiro, um interesse que seu olhar revelou, em relação à obra de Emiliano Di Cavalcanti e a pintura das mulatas. O pensamento de saudade, “quando em quando me baixa, aqui no Brasil, uma saudade do Brasil”, é pertinente para se entender a dinâmica com a qual, à época do caso com a cozinha de Mariuska, revivia uma experiência amorosa com a Bahia.

### Referências bibliográficas

- ABREU, W. C. *Cinzências da literatura: João Antônio com Nietzsche*. 2007. 130 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.
- ANTÔNIO, J. *Ô Copacabana!*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ANTÔNIO, J. *Dedo-duro*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- ANTÔNIO, J. Eguns. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 76, p.44– 48, nov. 1983.
- ANTÔNIO, J. A falsa fama do bom baiano João Ubaldo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 14 out. 1986a.
- ANTÔNIO, J. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986b.
- ANTÔNIO, J. *Zicartola e que tudo mais vá para o inferno!* São Paulo: Scipione, 1991.
- ANTÔNIO, J. *Sete vezes rua*. São Paulo: Scipione, 1996.
- ANTÔNIO, J. Eguns. *Exu* (Fundação Casa de Jorge Amado), Salvador, nº 34, p. 14–17, jan./mar. 1997.
- ANTÔNIO, J. *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. Cotia; São Paulo: Ateliê Editorial/Oficina do Livro, 2004.
- AZEVEDO FILHO. C. A. F. *Hibridismo e ruptura de gêneros em João Antônio*. 2008. 210 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2008.
- LAFETÁ, J. L. João Antônio e sua estética do rancor. *Folha de São Paulo*, São Paulo. Ilustrada, 06 out. 1986.
- LUCAS, F. João Antônio. *Abraçado ao meu rancor*. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n.99, p.137–138, set./out. 1987.
- MARTINS, G. F. Os convivas da morte no banquete das almas: presença de eguns em um conto de João Antônio. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n.40, p. 43–61, jul./dez. 2012.
- SEVERIANO, M. *A paixão de João Antônio*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.
- SILVA, T. M. *Posta restante: um estudo sobre a correspondência do escritor João Antônio*. Vol. II.

2009. 131 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2009.

ZILBERMAN, R. João Antônio: contos, com velhos heróis. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 30 ago. 1986.

ZIEGLER, J. *Os vivos e a morte: uma sociologia da morte no Ocidente e na diáspora africana no Brasil e seus mecanismos culturais*. Trad. Aurea Weissenberg. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.